



Disney



SERENA VALENTINO

*A fera  
em mim*

---

A HISTÓRIA DO PRÍNCIPE DA BELA

---

UNIVERSO DOS LIVROS

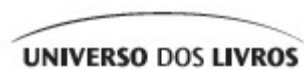
SERENA VALENTINO

*A fera  
em mim*

# A HISTÓRIA DO PRÍNCIPE DA BELA

São Paulo

2017



Adapted in part from Disney's *Beauty and the Beast*  
Copyright 2014 © Disney Enterprises, Inc.  
Published by Disney Press, an imprint of Disney Book Group.  
All rights reserved.

© 2017 by Universo dos Livros

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de  
19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito  
da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais  
forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos,  
fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor editorial: **Luis Matos**

Editora-chefe: **Marcia Batista**

Assistentes editoriais: **Aline Graça e Letícia Nakamura**

Tradução: **Alline Salles**

Preparação: **Laura Moreira**

Revisão: **Nina Soares e Francisco Sória**

Arte e adaptação de capa: **Francine C. Silva e Valdinei  
Gomes**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

V236f Valentino, Serena

A fera em mim : a história do príncipe da Bela / Serena Valentino ; tradução de Aline Salles. – São Paulo : Universo dos Livros, 2017.

192 p.

ISBN 978-85-7930-997-7

Título original: The Beast within

1. Literatura infantojuvenil 2. Ficção I. Título II. Salles, Aline

16-0168

CDD 028.5

Universo dos Livros Editora Ltda.

Rua do Bosque, 1589 – Bloco 2 – Conj. 603/606

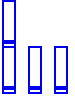
CEP 01136-001 – Barra Funda – São Paulo/SP

Telefone/Fax: (11) 3392-3336

[www.universodoslivros.com.br](http://www.universodoslivros.com.br)

e-mail: [editor@universodoslivros.com.br](mailto:editor@universodoslivros.com.br)

Siga-nos no Twitter: @univdoslivros



Dedicado ao meu amor maior, Shane Case  
— Serena Valentino

## CAPÍTULO I

# AS BRUXAS NO JARDIM DAS ROSAS

A Fera estava no jardim das rosas, o perfume forte das novas flores o deixava meio tonto.

Seu jardim sempre parecia ter vida própria, como se as parreiras retorcidas pudessem se entrelaçar em seu coração acelerado e acabar com sua ansiedade. Havia épocas em que desejava que elas fizessem isso, mas agora sua cabeça estava cheia de imagens da bela mulher em seu castelo: Bela, tão corajosa e nobre, disposta a ficar no lugar de seu pai como prisioneira na masmorra. Que tipo de mulher faria isso: desistir da própria vida assim, sacrificando a liberdade pela do pai?

A Fera se perguntava se era capaz de tal sacrifício. Perguntava-se se era capaz de amar.

Ele ficou lá parado, observando o seu castelo do jardim. Tentava se lembrar de como era antes do feitiço. Estava diferente agora... ameaçador e vivo. Até os pináculos do castelo pareciam, de forma consciente, apontar para o céu com violência. Ficava imaginando como sua propriedade era vista de longe. Altiva e autoritária e localizada no topo da montanha mais alta do reino, parecia ser cortada pela própria montanha, rodeada por uma floresta repleta de criaturas selvagens perigosas.

Somente quando foi obrigado a passar sua vida escondido atrás daqueles muros miseráveis que analisou à sua volta realmente olhando e, de fato, *sentindo*. Agora ele contemplava a luz da lua que provocava sombras sinistras nas estátuas que flanqueavam o caminho que ia do castelo ao jardim – criaturas aladas gigantes mais assustadoras do que qualquer outra coisa das histórias antigas

que os professores de sua juventude o fizeram estudar. Ele não conseguia se lembrar se aquelas esculturas estavam ali antes de o castelo e suas terras serem amaldiçoados.

Houve muitas mudanças desde que as bruxas fizeram seus encantamentos. O jardim podado em forma de animais, por exemplo, parecia rosnar para ele enquanto perambulava pelo labirinto em tardes como esta, na tentativa de esquecer os problemas.

Ele já se acostumara com os olhos observadores das estátuas que o vigiavam quando não as estava encarando diretamente – e conseguia ver seus movimentos discretos pelo canto do olho. Não conseguia parar de pensar que estava sendo monitorado, e havia quase se acostumado a isso. Quase. E a entrada grandiosa de seu castelo parecia uma boca aberta pronta para devorá-lo. Passava a maior parte do tempo fora do castelo, que parecia uma prisão e, por ser tão enorme, o confinava, sufocando-o.

Certa vez, quando ele ainda era – pelo menos ele pensava! – *humano*, passava a maior parte de seu tempo fora de casa, caçando feras selvagens nas florestas por prazer e esporte. Mas quando ele mesmo se tornou algo a ser caçado, recolheu-se naqueles primeiros anos, nunca saindo da Ala Oeste, muito menos do castelo.

Talvez fosse por isso que agora ele odiava ficar dentro do castelo: passara muito tempo trancado com seu próprio medo.

Assim que o castelo foi enfeitiçado, ele pensou que sua mente estivesse pregando peças nele – que a simples ideia do feitiço o tivesse deixado louco. Mas agora sabia que tudo à sua volta estava vivo, e ele estava morrendo de medo de que qualquer ação sua o levasse ao delírio, e que seus inimigos o fizessem sofrer ainda mais por toda a dor que ele causara antes de se tornar um monstro. A transformação física era apenas uma parte da maldição. Havia muito mais, e era aterrorizante demais pensar nisso.

No momento, ele queria pensar na única coisa que poderia acalmá-lo, nem que fosse um pouquinho. Queria pensar *nela*.

Bela.

Ele olhou para cima, à direita do jardim, a lua criara formas prateadas lindas na água agitada. Com exceção de quando pensava em Bela, essa era a única tranquilidade que ele tinha desde o

feitiço. Passava muito tempo aqui, tomando cuidado para não ver seu próprio reflexo, apesar de, às vezes, ficar tentado a fazê-lo. Tinha total consciência da repulsa que isso traria.

Quase ficara obcecado por seu reflexo quando o feitiço começou a tomar conta, e até que gostava das pequenas mudanças em sua aparência no começo, as linhas profundas que recebera tornavam seu rosto jovem mais temeroso para seus inimigos. Mas agora... agora que o feitiço tomara conta dele por completo, não suportava se ver. Quebrara ou trancara na Ala Oeste todos os espelhos do castelo. Suas atitudes terríveis estavam gravadas em seu rosto, e aquilo provocava um sentimento miserável e vazio em suas entranhas, deixando-o enojado.

Mas chega de pensar nisso.

Ele tinha uma mulher linda dentro de sua propriedade. Era uma prisioneira voluntária, alguém para conversar e, mesmo assim, não conseguia encará-la.

Medo.

Controlava-o de novo. Seu medo agora o manteria do lado de fora, que antes o deixara trancado para dentro? Medo de entrar pela porta e encarar a garota? Ela era uma mulher sábia. Ela não fazia ideia de que o destino dele estava em *suas* mãos?

As estátuas observavam, como sempre faziam, quando ele ouviu um barulho de botas minúsculas no caminho de pedra indo em sua direção, perturbando seus pensamentos.

As três irmãs! Lucinda, Ruby e Martha, um trio de bruxas pequeninas com cachos pretos, uma palidez leitosa com a textura de madeira branca crua e lábios vermelhos de boneca estava parado diante dele em seu jardim. Suas faces brilhavam à luz da lua como aqueles fantasmas com expressões irônicas. Suas joias brilhavam como estrelas no jardim escuro enquanto a pena em seus cabelos tornava seus gestos frenéticos mais grosseiros. Havia um pouco de nervosismo nelas; eram tomadas por uma série de constantes contrações e gestos, como se estivessem em comunicação contínua uma com a outra mesmo quando não estavam falando. Pareciam estar analisando-o. E ele as deixou fazer isso. Ficou parado em silêncio, como geralmente fazia quando elas o abordavam, esperando que falassem.

Elas apareciam quando queriam e sempre sem avisar. Sem se importar que o castelo e os jardins fossem dele. Ele desistira há muito tempo de insistir que elas aparecessem quando ele quisesse. Logo descobriu que seus desejos não tinham importância para elas.

A risada delas era aguda e parecia zombar do minúsculo vislumbre de esperança que detectaram em seu coração sombrio e solitário. Lucinda foi a primeira a falar, como sempre. A expressão dela quando falava com ele o deixava paralisado, pois parecia uma boneca estranha com vida, com sua pele de porcelana e roupas imundas, e sua voz monótona firme só deixava a cena mais macabra.

– Então finalmente você capturou uma coisinha.

Ele não perdeu tempo perguntando como sabiam que Bela estava no castelo. Tinha suas teorias de como elas sempre pareciam saber tudo sobre ele, mas não se importava em compartilhá-las com as irmãs.

– Estamos surpresas, Fera – disse Martha, com seus olhos azuis pálidos, aguçados e redondos.

– Sim, surpresas – Ruby cuspiu, com um sorriso estranhamente largo que animava seus lábios demasiadamente vermelhos de maneira mórbida, como uma criatura morta trazida de volta à vida por encantamentos diabólicos.

– Esperávamos que sua condição estivesse desenvolvida agora – disse Lucinda, inclinando levemente a cabeça para a direita enquanto olhava para ele. – Sonhamos com você correndo pela floresta caçando uma presa menor.

Ruby continuou:

– Sonhamos com caçadores perseguindo você.

Martha riu e disse:

– Persequindo você como o monstro que é e pendurando sua cabeça na parede da Taverna dos Caçadores.

– Por que ainda usa roupas? Agarrando-se ao último fio de humanidade, é isso? – elas disseram em uníssono.

A Fera não fez nada para amenizar seu terror – não o terror da magia das bruxas, mas de sua própria natureza ameaçadora, da qual elas o estavam lembrando. Seguravam um espelho apontado para o monstro dentro dele, que desejava escapar. Era um monstro

que queria matar as bruxas e tudo que passasse pelo seu caminho. Ele estava louco para ver sangue e ossos, para provar sua carne. Se arranhasse as gargantas das bruxas com suas garras, nunca mais teria que ouvir as vozes estridentes e ameaçadoras de novo.

Lucinda riu.

– Agora *isso* é o que esperamos de você, Fera.

E Martha disse:

– Ele nunca vai conquistar o coração de Bela, Irmã, mesmo que esteja desesperado para quebrar o feitiço.

– Ouso dizer que está muito perdido agora.

– Se ele mostrasse como era, talvez ela tivesse pena dele – Ruby disse, enquanto uma risada cacofônica louca preenchia o jardim.

– Pena dele, sim, mas amá-lo? Nunca!

A Fera costumava retrucar os insultos, mas isso parecia apenas incentivar a paixão delas por crueldade, e ele não queria incitar a própria raiva e desejo de violência, então só ficou ali parado, esperando que aquela pequena sessão de tortura acabasse.

Martha falou de novo.

– Caso tenha se esquecido, aqui há regras, Fera, ditadas por todas as Irmãs: você deve amá-la, e esse amor precisa ser devolvido com um beijo de amor verdadeiro antes de seu aniversário de 21 anos. Ela pode usar o espelho como você faz, para ver dentro de seu mundo além do reino, mas nunca pode saber os detalhes do feitiço ou como tem que ser quebrado. Ela verá o castelo e seus encantamentos de forma diferente de você. Os aspectos mais aterrorizantes da maldição estão reservados para você.

A Fera encarava sem expressão as bruxas.

Martha sorriu de um jeito macabro e continuou:

– Essa é sua única vantagem. A única coisa neste castelo ou nesta propriedade que assustará Bela será sua aparência.

Lucinda concordou.

– Quando foi a última vez que viu seu reflexo, Fera? Ou olhou para a rosa?

Houve uma época em que a rosa não saía de perto dele. Ultimamente, ele tentava esquecê-la. Praticamente esperava que a visita das irmãs desta tarde fosse para informá-lo de que a última

pétala havia caído da haste encantada. Mas elas foram lá apenas para zombar dele, como sempre, para incentivá-lo a usar violência, e não havia nada que elas amassem mais do que ver sua alma mais manchada.

A voz de gralha de Lucinda o tirou de seu devaneio.

– Não falta muito agora...

Martha continuou:

– Falta pouquíssimo, Fera.

– Logo a última pétala vai cair e você vai permanecer desse jeito, sem chance de voltar à sua forma original.

– E nesse dia...

– Nós vamos dançar! – elas finalizaram em uníssono.

A Fera finalmente falou.

– E quanto aos outros? Também vão permanecer desse jeito, condenados ao feitiço como eu?

Os olhos de Ruby se estreitaram pela surpresa.

– Preocupação? É isso que estamos vendo? Não é estranho?

– Preocupado consigo mesmo.

– Isso, preocupado consigo mesmo, sempre individualista, nunca com os outros.

– Por que ficaria preocupado com os empregados? Nunca prestou atenção neles, a menos que fosse para puni-los.

– Acho que está com medo do que podem fazer com ele se não quebrar o feitiço.

– Acho que tem razão, Irmã.

– Também estou interessada em ver o que eles vão fazer.

– Vai ser um espetáculo pavoroso, mesmo.

– E vamos ter muito prazer em testemunhá-lo.

– Não esqueça, Fera, verdadeiro amor, dado e recebido, antes de a última pétala cair.

E, com isso, as irmãs se viraram nos saltos de suas minúsculas botas pontudas e saíram do jardim, o som se esvaíndo aos poucos até elas sumirem em uma névoa repentina e a Fera não conseguir mais ouvi-las.

## CAPÍTULO II

# A RECUSA

A Fera suspirou e se jogou no banco de pedra à sombra da estátua de criatura alada suspensa sobre ele. A sombra da estátua se misturava à dele – seu rosto e as asas da criatura –, transformando-o no que parecia um Shedu, o leão alado de mitos antigos. Havia tanto tempo que ele não via nem sua sombra que mal sabia como se parecia, e essa sombra o deixou bastante intrigado.

Com um raio de luz, a sombra desapareceu. O que restou foi uma nova estátua branca brilhante, com uma expressão passiva. Não era masculina nem feminina – não até onde ele podia supor – e estava completamente parada com um candelabro de bronze pequeno em uma mão, as velas queimando, enquanto a outra apontava em direção à entrada do castelo. Era como se a figura de pedra estivesse mandando-o de volta ao castelo, de volta à boca aberta.

Ele tinha medo de que, se retornasse, o castelo finalmente iria devorá-lo.

Mas voltou, deixando a estátua silenciosa e as palavras ameaçadoras das irmãs no jardim. A luz do candelabro estava minúscula agora, como se fosse um vaga-lume.

A estátua voltaria ao castelo quando quisesse, provavelmente quando a Fera estivesse longe o suficiente. Elas nunca se mexiam ou iam em direção a ele quando estava olhando diretamente para elas; sempre andavam de fininho quando a atenção dele se focava em outro lugar. Isso o assustava de verdade, saber que elas poderiam se aproximar dele a qualquer hora e fazer segundo sua vontade com ele, mas essa era outra parte da maldição com a qual ele tinha que conviver.

Pensou no que as irmãs disseram e se perguntou como Bela via os encantamentos do castelo e como seus empregados amaldiçoados apareciam para ela.

Conforme andava pelo salão em direção à sala de jantar, parou para ouvir vozes abafadas vindo das acomodações de Bela, mas não conseguia entender o que estava sendo conversado. Ele estava andando em silêncio pelo corredor, torcendo para conseguir ver com quem ela estava falando, quando ouviu um cavalheiro com sotaque francês convidando-a para o jantar. Ela bateu a porta e se recusou.

– Não vou! Não quero nada com ele! Ele é um monstro!

*Monstro!* A raiva se apossou dele.

– Se ela não vai jantar comigo, não vai comer mais nada – rosnou, virando-se para o outro corredor e já esperando ver outra estátua viva parada ali para atormentá-lo, mas a única pista de que alguém estivera lá era o pequeno candelabro dourado que acabara de ver no jardim, agora apagado, com um laço minúsculo de fumaça circulando o pavio quente.

– Ela acha que sou um monstro! – ele exalou.

Ele sentiu sua raiva se acumular, saindo de controle conforme esbravejava e ia para a Ala Oeste. *Monstro!* Suas garras cravaram-se no corrimão de madeira enquanto ele subia a escadaria comprida, desejando que fosse carne e sangue, não lascas de madeira.

*Monstro!*

Havia pouquíssima luz nessa parte do castelo. Era completamente escura, com exceção da luz da lua que entrava pelos vãos das cortinas vermelhas esfarrapadas de seu quarto. Apoiados na parede do fundo estavam pedaços de espelhos de diferentes formas, cobertos por tecidos comidos pelas traças. Entre os espelhos havia retratos, e alguns tinham sido destruídos pela sua raiva e frustração, as visões zombando dele como as bruxas fizeram, ameaçando-o com sua aparência antiga.

*Monstro!*

Ele não podia acender a lareira enorme ou as tochas na parede. Suas patas não conseguiam administrar coisas minúsculas, como fósforos, e os empregados não eram permitidos na Ala Oeste. Nem as irmãs vinham a esta parte do castelo. No começo, ele fugira da

zombaria delas por muito tempo ao passar a maior parte dos dias aqui, escondendo-se, deixando sua raiva crescer em proporções épicas, amedrontado pelo que viria e, mesmo assim, sempre intrigado.

Foi assim no começo, não foi? Intrigante. As mudanças súbitas em seus traços, as linhas em volta de seus olhos que assustavam seus inimigos quando ele os estreitava. Usar o olhar, e não palavras, para causar medo em seus inimigos era realmente útil.

Ele *havia* se olhado no espelho naqueles dias, tentando distinguir que tipo de atitude causava as alterações mais terríveis em sua aparência. Sabia que era um feitiço degenerativo que não seria amenizado.

As irmãs pareciam saber de sua compulsão e zombavam dele por isso, dizendo que teria o destino da segunda esposa de seu primo se não tivesse cuidado. As irmãs sempre falavam coisas sem sentido, sempre falavam coisas pela metade, e tinham ataques de riso tão frequentes que na maior parte do tempo ele mal sabia do que elas estavam rindo. Não sabia nem se elas eram sãs. Será que aquilo tudo era fruto daquelas mentes enlouquecidas? Aqui estava ele, ameaçado por velhas loucas. *Ele*, que já fora um príncipe.

Fora. E agora... agora ele não podia nem se aventurar por seus jardins ou abordar um estranho que caminhava da floresta para seu castelo à noite sem fazê-lo correr de medo.

O que será que Bela achava do pouco que vira dele iluminado pela tocha da masmorra? Mas ele sabia, não é? Ela o chamara de monstro! Deixe-a com os empregados, então; deixe-os contar histórias de seus feitos covardes! Deixe-os confirmar o quanto ele era perverso e feio. Ele não se importava! Afinal, era um monstro. E monstros não conheciam sentimentos, principalmente o sentimento chamado *amor*.

Sua raiva e sua confusão foram suprimidas quando ficou zozzo de exaustão. Ele se sentou na cama, perguntando--se o que fazer. As irmãs deram a entender que a garota era sua única esperança de escapar do feitiço. Mentirosas! Ele poderia fazê-la se apaixonar facilmente se tivesse a aparência anterior – bonito, elegante, mas alguns diriam arrogante.

Era fácil lidar com as mulheres naquele tempo. Bastavam poucas palavras floreadas de amor, fingindo algum interesse no que elas tinham a dizer, talvez simular uma vulnerabilidade, e a garota era dele. Muitas vezes ele nem tinha que apelar para tal recurso desnecessário; só se a garota fosse extremamente bonita ele se importaria em tentar ganhar sua admiração. Geralmente, apenas sua aparência era suficiente para encantá-las.

Mas o jeito que ele era agora... Não fazia ideia de como se aproximar de Bela. Ele se levantou, sentindo os lençóis rasgados e grossos com suas patas. Talvez ele *devesse* deixar os empregados entrarem para arrumar a cama, limpar as janelas e encerar o chão. Para fazê-lo viver mais como um ser humano do que como o monstro que se tornara.

Ficou de pé com as pernas trêmulas, ainda tonto pela adrenalina da raiva selvagem que sentira quando ouviu Bela chamá-lo de monstro. Foi para perto da varanda, onde guardava o espelho encantado que as irmãs lhe deram muito tempo atrás. Ficou ali por um momento, respirando profundamente antes de se olhar. Havia muito tempo que ele não via seu reflexo. Tinha que ver como seus atos detestáveis haviam sido marcados em seu rosto.

Sua pata descansou sobre o tecido que cobria o espelho. Então, com um movimento rápido, tirou o lençol e o jogou para o lado, revelando o vidro e o reflexo embaçado que o encarava.

*Monstro!*

O único resquício do que ele fora no passado eram seus olhos azuis cheios de alma, que fervilhavam com humanidade. Eles não mudaram. Ainda eram dele.

Mas, em todos os outros aspectos, ele se tornara exatamente o que temia. E, na verdade, era pior do que poderia ter imaginado.

Seus joelhos se curvaram quando seu mundo começou a ficar embaçado. Sua visão começou a ficar estreita até ele se encontrar na escuridão, envolvido em uma imagem do passado – de como era antes de se tornar um monstro. Antes de se tornar a Fera.

## CAPÍTULO III

# O PRÍNCIPE

Antes da maldição, a vida era boa para o príncipe.

Ouvir as irmãs contarem a história do feitiço era como ouvir uma história cheia de exemplos da pessoa terrível que ele era, uma lista de seus delitos, descritos um por um, um pior e mais maldoso que o outro, até as irmãs lançarem o feitiço nele, deformando-o em uma fera patética que agora estava deitada no chão de seu quarto diante do espelho.

No fim, é assim que a história vai ser. Mas as irmãs não conseguirão transmitir essa parte do conto. Não até o príncipe falar, não até ele ter a chance de lhe contar quanto se divertiu.

Porque houve uma época em que as coisas eram boas.

Uma época na qual o príncipe era apenas um jovem arrogante, cheio de orgulho e pouco consciente de seu lugar no mundo. Que jovem príncipe não passara exatamente por essa situação? Como você acha que são os outros príncipes? São apenas homens encantadores aventurando-se para lá e para cá à procura de noivas dorminhocas para acordar com o beijo do amor verdadeiro? Você os admira como cavalheiros almofadinhas enquanto eles lutam contra dragões e derrotam madrastas assassinas? Talvez façam esse tipo de coisa sem um pinga de orgulho ou agressão? Em um instante estão abrindo caminho em meio a espinhos encantados assassinos só para achar o dragão cuspidor de fogo pronto para matar alguém, e no outro instante é esperado que eles dancem valsa com suas novas noivas em ternos de tons pastel e cintos dourados.

E o que têm a ver esses cintos, então? Horríveis!

Nosso príncipe não queria nada que fosse tolo e romântico. Queria uma vida diferente, e aprendeu cedo que não tinha que matar bestas cuspidoras de fogo para que uma donzela o beijasse. Embora o fato de se vangloriar com um alce gigante ou um temível urso cinza jogado no ombro para o velho Higgins empalhá-lo e pendurá-lo na parede o fizesse ganhar uma quantidade boa de beijos das jovens – e por mais que fosse perigoso às vezes, era bem diferente de maçãs envenenadas, anões fedorentos ou ser queimado por uma fada rainha do mal. Ele escolheria caçar e galantear a qualquer hora.

A vida era boa; todo mundo amava e venerava o príncipe, e ele sabia disso.

Não havia homem mais bonito do que ele quando se sentava em sua taverna favorita com suas roupas cobertas de terra, sujeira e sangue de sua última matança. Ou pelo menos era o que ele achava. A taverna era seu lugar preferido. Tinha quase tudo que ele gostava em um só lugar. As paredes de madeira eram tão cheias de animais da floresta que ele matava que o velho Higgins ria e caçoava dele enquanto lhe servia outra cerveja.

– Vou ter que construir uma taverna maior, Príncipe!

E era verdade.

A única pessoa que matara quase a mesma quantidade de animais que o príncipe era seu bom amigo Gaston, que jogou uma mão cheia de moedas no balcão, assustando o pobre Higgins antes de ele terminar de servir outra rodada de bebida.

– As bebidas são por minha conta hoje, Higgins! Para comemorar o noivado do Príncipe!

Os homens vibraram e as garçonetes se desmancharam em lágrimas, arfando com suspiros profundos de decepção. Gaston parecia gostar do espetáculo tanto quanto o príncipe.

– Ela é a garota mais bonita da vila! Você é um homem de sorte! Eu ficaria com inveja se não fosse meu melhor amigo!

Isso ele era. O melhor amigo de Gaston. A Fera havia observado Gaston muitas vezes com o espelho encantado das irmãs bruxas, só para ver como ele estava desde que o príncipe “se mudara para outro reino”, e Gaston parecia ter pegado o lugar do príncipe.

Eles sempre foram parecidos, Gaston e o príncipe, e o príncipe achava que era por isso que gostavam tanto da companhia um do outro. Ou talvez ele sentisse que era melhor manter seu concorrente por perto. Mas, de novo, ele se perguntou se era assim que realmente enxergava na época.

Até onde a Fera podia conjecturar pelo espelho encantado, sua janela para o mundo exterior, Gaston era considerado o homem mais bonito do país. As damas pareciam desmaiar toda vez que ele passava por elas.

A Fera não conseguia evitar dar risada algumas vezes enquanto ouvia Gaston falar de si mesmo, gabar-se pela covinha no queixo, exibindo seu peito cabeludo e cantando elogios de si mesmo para cima e para baixo pelas ruas principais da cidade.

No entanto, havia outro lado do velho amigo do príncipe, uma crueldade rancorosa, que a Fera achava difícil de assistir porque o lembrava muito de si mesmo – antes daquela terrível transformação!

Sim, eles eram muito parecidos, Gaston e o príncipe, e foi isso o que os unira.

Na época em que olhava o espelho encantado, a Fera viu que Gaston era perigosamente obcecado pela filha de um inventor esquisito, conhecida por ser a garota mais bonita da cidade. Ele nunca vira a garota, mas ouvira as pessoas dizerem que ela era estranha. Ele queria poder dar uma boa olhada nela, mas seu rosto sempre estava escondido por trás de um livro ou ela estava se virando para o outro lado quando Gaston tentava falar com ela. Era quase vergonhoso o jeito com que ele a perseguia, apesar das reclamações da garota. A Fera nunca havia visto Gaston tão obcecado por uma garota antes. Ficou realmente surpreso por ele querer se casar com a filha de um inventor. *Essa* filha de inventor, em particular. Ela podia ter fama de ser bonita, mas era igualmente teimosa. Havia boatos sobre seu pai estar beirando a loucura, e ela não tinha uma gota de realeza em seu sangue.

Mas, até aí, nem Gaston tinha...

Gaston não sofria os aborrecimentos de um príncipe. Não precisava se preocupar em se casar com alguém da realeza. Gaston foi o primeiro a contar ao príncipe que sua noiva, Circe, era de uma família fazendeira pobre, na tentativa de impedir que o

príncipe se envergonhasse de se casar com alguém de classe tão baixa. *É claro* que ele não podia se casar com ela, independentemente do quanto fosse bonita. Como seus súditos poderiam levar a filha de um criador de porcos a sério como rainha? Os empregados não a respeitariam, e ela não saberia como se comportar em situações diplomáticas. Não, seria um desastre. Seria injusto com seus súditos e com ela, e principalmente com ele. Ele não precisava que ninguém lhe dissesse que era uma má ideia; concluiu aquilo sozinho no instante em que descobriu seu *status*.

Então a decisão foi tomada.

Não poderia se casar com a garota.

O príncipe mandou buscar sua noiva no dia seguinte. Circe estava linda quando saiu da carruagem para vê-lo. Seu cabelo loiro claro e seu vestido prateado brilhavam sob o sol da manhã enquanto ela estava parada no jardim. Era difícil acreditar que era a filha de um criador de porcos. Talvez Gaston estivesse enganado. Quando uma garota de uma fazenda de porcos se vestiria daquele jeito? Ah. Gaston estava pregando peças de novo. Tentando tirá-lo da jogada para que pudesse ficar com Circe só para ele. Aquele brutamontes cruel de queixo de bunda. Ele conversaria com Gaston sobre isso assim que desse. Mas, no momento, tinha que fazer as pazes com sua linda Circe. Lógico que ela não fazia ideia que ele pretendia terminar tudo, mas ele sentiu que seu coração a traía.

– Minha querida Circe, você está linda.

Ela olhou para ele com seus olhos azuis pálidos, com um leve rubor que não amenizava as leves sardas em seu narizinho.

Adorável.

Ela era simplesmente isso, adorável. Como ele poderia ter pensado que ela era filha de um criador de porcos? Não conseguia imaginá-la enlameada por aquelas criaturas horríveis e sujas.

Já pensou? Circe alimentando porcos! Era engraçado pensar nisso quando a via brilhando como uma rosa molhada de orvalho, como a princesa que estava prestes a se tornar. Ele faria Gaston pagar por fazê-lo duvidar dela.

– Venha, meu amor, para a sala matinal.

Preparei algo especial para você.

Ele não mencionou a mentira de Gaston para Circe; era muito maldoso de se repetir. Não havia necessidade de causar intrigas entre os dois. Afinal, Gaston seria seu padrinho. Sim, ele era bruto, mal-humorado e conspirador, mas ainda era seu amigo mais próximo. E queria que seu melhor amigo estivesse ao seu lado no casamento.

E havia mais uma coisa. O príncipe iria gostar de saber que Gaston estaria queimando de inveja ao ficar ali parado, forçado a assistir aos procedimentos do casamento, sabendo que suas tentativas de acabar com a fé do príncipe em Circe haviam falhado, e ele não poderia tê-la para si. Sim, isso lhe daria muita satisfação. Talvez após o casamento ele devesse enviar Gaston para longe em alguma missão para o reino – algo desagradável e abaixo de seu cargo, para mostrar-lhe que não era para interferir novamente.

Quem poderia realmente culpar Gaston por tentar manter Circe longe dele? Ela era a garota mais bonita que já vira, e Gaston só estava se deixando levar por sua beleza e permitindo que contaminasse seu julgamento. Era até engraçado pensar nisso – Gaston, o príncipe do País-do--Queixo-de-Bunda, tentando tirar Circe dele! Quem ficaria com um plebeu, não importa o quanto fosse amigo da família real, quando poderia ficar com o príncipe que, um dia, seria o rei daquelas terras?

O príncipe resolveu rir de tudo isso e focar no que mais amava: caçar, beber, gastar os impostos que cobrava de seus estados e encantar as damas.

Ah, sim, e havia Circe, mas ele a amava do jeito que amava seu castelo, ou seu estábulo cheio de cavalos elegantes. Ela era a criatura mais linda, e ele apreciava como sua beleza refletiria nele e em seu reino. Sensível, ele pensou sem culpa.

O planejamento do casamento continuou, mesmo com Gaston falando mal da família de Circe. Não houve um dia ou uma noite em que não mencionasse isso.

– Você está começando a me entediar, Gaston, sinceramente! Continuar falando dessa coisa de criação de porcos como se realmente fosse verdade. Por que ainda não desistiu?

Gaston não ia encerrar o assunto.

– Venha comigo, meu amigo, eu vou te mostrar!

Então eles cavalgaram por muitos quilômetros até chegarem a uma pequena fazenda, que era afastada além da floresta por um caminho incomum.

Ali estava sua Circe. No curral, alimentando os porcos, com a saia de seu vestido branco simples cheia de lama. Seu cabelo estava bagunçado, e suas bochechas, ruborizadas pelo trabalho duro. Deve ter sentido os olhares sobre ela, porque olhou para eles e percebeu a expressão de desgosto no rosto de seu amado, que a deixou paralisada de medo e vergonha.

Deixou cair o balde e ficou parada no lugar, olhando para os dois homens.

Ela não disse nada.

– Venha aqui, garota! É assim que recebe seus convidados? – o príncipe gritou, arrogante.

Os olhos dela se arregalaram como se estivesse saindo de um transe.

– É claro – ela disse, acatando.

Então saiu do curral e se aproximou dos homens, olhando para eles, ainda montados sobre os cavalos. Ela se sentiu pequena, submissa e incapaz de encarar seus olhares desaprovadores.

– Olá, meu amor, o que o traz aqui? – ela perguntou.

O príncipe foi irônico.

– O que realmente me traz aqui? Por que não me disse que seu pai era um mero criador de porcos?

Circe parecia desesperada e confusa, quase incapaz de responder.

– O que quer dizer, meu querido?

O príncipe estava com raiva.

– Não banque a inocente comigo, madame! Como ousa esconder tal coisa de mim? Como pôde mentir para mim desse jeito?

Circe desabou em lágrimas.

– Você nunca me perguntou sobre meus pais! Nunca menti para você! Por que isso importa? Nós nos amamos! E o amor está acima de tudo!

– Amar  *você*? Sério? Olhe para você... coberta de esterco! Como eu  *poderia* amá-la?

Ele cuspiu no chão e voltou a atenção ao seu amigo.

– Vamos, Gaston, vamos embora deste lugar fedorento. Não tenho mais nada para dizer a essa garota imunda da fazenda.

E os dois cavalgaram para longe, deixando a linda donzela coberta de lama e de uma nuvem de poeira formada por seus cavalos selvagens.

## CAPÍTULO IV

# A IRMÃ MAIS NOVA DAS BRUXAS

O príncipe estava sentado sozinho em sua biblioteca, apreciando uma bebida ao lado da lareira. Imagens de Circe o assombravam. Elas variavam entre a jovem linda e atraente com a qual ele queria se casar e a cena nojenta que presenciara mais cedo.

Ele quase sentiu pena dela.

Quase.

Mas não podia amaciar para o lado dela, depois de ela ter tentado prendê-lo em um casamento formado por mentiras repugnantes. Enquanto ele estava sentado ali, sombras sinistras dançavam nas paredes. Eram criadas pela lareira e pelos chifres de alce pendurados na parede acima da sua cadeira. Ele se lembrou do dia em que matou seu maior troféu – o alce gigante. Quase ficou triste no dia em que, finalmente, o pegou. Esteve perseguindo aquele animal por anos. Mas, quando o matou, sentiu que havia perdido um velho amigo. Bebeu mais um pouco, lembrando-se daquele dia consagrado. Nesse momento, o porteiro apareceu na porta.

– Príncipe, senhor, a senhorita Circe está aqui para vê-lo.

O príncipe suspirou com irritação.

– Eu já te disse, pela milésima vez agora, para não deixá-la entrar! Mande-a embora! – E voltou para suas reflexões.

O porteiro não foi embora. Gaguejou uma resposta.

– Eu não a dei-dei-deixei entrar, me-meu senhor, ela está lá... fora, mas se recusa a ir em-em-embora. Disse que não vai embora até o senhor falar com ela.

– Muito bem, então.

Colocando sua bebida na mesinha de madeira ao lado de sua cadeira, ele se levantou com um suspiro profundo e foi até a entrada do castelo.

Ali estava Circe, uma criaturinha patética segurando uma única rosa vermelha, parecendo minúscula na entrada gigante e arqueada. Seus olhos estavam tristes, inchados e vermelhos de chorar. Ela não tinha nada daquela beleza exuberante de quando estivera em seu jardim vestida de dourado, prata e brilhante. Se vê-la no curral cheia de lama aquele dia não tivesse apagado aquela lembrança de sua memória, esse encontro com certeza o faria.

Nunca mais seria tentado pelas memórias de sua beleza, enganando-o para lhe fazer sentir pena daquela criaturinha mentirosa! Ela estava com um xale esfarrapado sobre os ombros que a fazia parecer uma velha pedinte. A luz e a sombra em seu rosto a tornavam velha e abatida. Se ele não soubesse quem era ela, realmente pensaria que era uma velha mendicante.

Ela falou com voz baixa. Parecia um corvo pequeno – sua voz estava áspera e rouca de tanto chorar.

– Meu amor, por favor, não consigo acreditar que me tratou tão mal. Com certeza você não quis dizer as coisas que me disse mais cedo.

Ela desatou a soluçar, e seu rosto inchado e manchado de lágrimas se enterrou em suas mãos brancas pequenas.

Como ele pôde achá-la adorável algum dia?

– Não posso me casar com você, Circe. Você deveria saber disso desde o começo. Acho que é por isso que tentou manter seus pais em segredo.

– Mas eu não sabia, meu amor! Meu querido, por favor, aceite esta rosa e se lembre dos dias quando ainda me amava. Não vai me deixar entrar, sair deste frio? Me odeia tanto assim?

– Sua beleza, que tanto cativou meu coração neste mesmo jardim, vai estar manchada para sempre pela cena *grotesca* que presenciei hoje, e por *este* aparecimento vergonhoso.

Quando o xale de Circe caiu para trás, o príncipe ficou surpreso em ver que seus olhos não estavam mais inchados e seu rosto não mais estava manchado e vermelho pelas longas horas de choro. Sua pele estava pálida e brilhante como se estivesse refletindo a luz

da lua – e seu cabelo estava cintilante e iluminado com pequenos enfeites prateados, como se pedacinhos das estrelas tivessem sido capturados por ele. Seu vestido era prata furta-cor, e tudo nela parecia brilhar com uma magia, mas nada brilhava mais do que seu olhos azuis pálidos. Ela nunca esteve tão linda.

– Eu nunca serei tão linda aos seus olhos porque sou a filha de um criador de porcos?

Então ele ouviu as vozes, emergindo da escuridão, como um bando de harpias ressurgindo do Inferno.

– Filha de fazendeiro?

– Nossa irmãzinha?

– Por quê? Ela tem sangue real. É prima de um rei antigo.

Ele não conseguia enxergar quem estava falando; só ouvia três vozes distintas vindo da escuridão. Algo naquelas vozes o deixava nervoso. Não, se fosse totalmente sincero consigo mesmo, admitiria que as vozes o assustavam. Ele só queria fechar a porta e se esconder dentro do castelo, mas ficou ali parado.

– Isso é *verdade*, Circe? – ele perguntou.

– Sim, meu Príncipe, é, sim. Minhas irmãs e eu viemos de uma longa linhagem da realeza.

– Não entendo!

As irmãs de Circe avançaram até onde a luz batia e ficaram paradas atrás dela. Suas figuras grotescas destacavam ainda mais a beleza de Circe.

Era surpreendente mesmo.

Não que as irmãs fossem feias; era só que tudo nelas era muito extravagante e contrastava com seus outros traços. Cada traço por si só poderia ter sido bonito. Seus olhos grandes, por exemplo, poderiam ser exuberantes em outra mulher. O cabelo delas, de alguma forma, era preto demais, como se alguém pudesse se perder nas profundezas da escuridão, e o contraste dos lábios vermelhos como sangue com a pele branca como papel era muito chocante. Aquelas irmãs não pareciam de verdade. Nada daquilo parecia, porque era tudo um absurdo. Ele sentia como se estivesse sonhando, preso em um pesadelo. Ficou extasiado pela transformação de Circe, e até se esqueceu de seu juramento anterior de nunca mais pensar nela.

Estava apaixonado pela sua beleza mais uma vez.

– Circe! Isso é *maravilhoso*! Bem, você é descendente da realeza, então podemos nos casar!

– Precisávamos ter certeza de que você realmente a amava – disse Lucinda, estreitando os olhos.

– É, certeza – disse Martha.

– Não iríamos apenas...

– Deixar nossa irmãzinha se casar com...

– Um monstro! – elas gritaram, acusando-o em uníssono.

– Monstro? Como ousam? – o príncipe gritou. As irmãs deram risada.

– É isso que nós vemos...

– Um monstro.

– Ah, os outros podem te achar bonito...

– Mas você tem um coração cruel!

– E é *isso* que nós vemos, a feiura da sua alma.

– Logo, *todos* o verão como o monstro cruel que é!

– Irmãs, *por favor*! Deixem-me falar! Ele é meu, afinal de contas! – disse Circe, tentando acalmar suas irmãs. – É meu direito anunciar a punição.

– Não há necessidade – disse o príncipe, finalmente mostrando seu medo, fosse das irmãs ou de perder a bela visão diante dele. – Podemos nos casar agora. Nunca vi uma mulher mais linda que você. Não há nada em nosso caminho. Eu *preciso* tê-la como minha esposa!

– Sua *esposa*? Nunca! Agora eu vejo que você só amava minha beleza. Vou me certificar de que mais nenhuma mulher o queira, não importa quanto tente encantá-la! Pelo menos enquanto você continuar sendo assim... contaminado por essa crueldade sem fundamento.

A risada das irmãs pôde ser ouvida claramente do outro lado do país naquela noite. Era tão aguda que assustou centenas de pássaros e aterrorizou todo o povo do reino, até Gaston. Mas Circe continuou com seu feitiço enquanto Gaston e os outros se perguntavam o que estava acontecendo de sinistro.

– Seus atos horrorosos vão desfigurar esse seu rosto bonito e, como minhas irmãs disseram, logo todo mundo enxergará o monstro

que você é.

Ela entregou ao príncipe a mesma rosa que tentara lhe dar anteriormente.

– E já que não ia pegar esse símbolo de amor da mulher que prometeu cuidar, este será então um símbolo de sua condenação!

– *Sua* condenação! – Martha disse, rindo e batendo as mãozinhas e pulando com suas botas minúsculas com muita alegria.

– *Sua* condenação! – concordaram Ruby e Lucinda, também saltitando, tornando a cena mais confusa e macabra.

– Irmãs! – Circe implorou. – Não acabei!

Ela continuou:

– Conforme as pétalas forem caindo, os anos irão passar até seu aniversário de 21 anos. Se não tiver encontrado o amor, o *verdadeiro* amor, dado e retribuído, nesse dia, e o selado com um beijo, então deverá permanecer como a criatura horrorosa que vai se tornar.

O príncipe semicerrou os olhos e inclinou a cabeça, tentando entender o significado daquele enigma.

– Ah, ele vai virar um monstro! Vai, sim!

– Sem dúvida! Nunca vai mudar seu jeito maldoso!

As irmãs estavam batendo palmas de novo e pulando com um prazer vingativo. A risada delas parecia aumentar cada vez mais. Quanto mais riam, mais alto era o som, e mais loucas elas pareciam. Circe teve que controlá-las de novo.

– Irmãs, parem! Ele precisa saber os termos do feitiço, caso contrário, não funcionará.

A risada das irmãs cessou de uma vez, e elas ficaram irritantemente quietas, contorcendo-se com desconforto.

– Não podemos arruinar a punição!

– Não, não podemos fazer isso!

Circe, ao ouvir as irmãs conversarem de novo, lançou-lhes um olhar reprovador, silenciando-as imediatamente.

– Obrigada, Irmãs. Agora, príncipe, você entendeu os termos do feitiço?

O príncipe só conseguiu olhar para as mulheres surpreso e horrorizado.

– Ele está paralisado, irmãzinha! – vangloriou-se Lucinda.

- Shhh – lembrou Ruby, e Circe continuou.
- Você entendeu os termos? – ela perguntou de novo.
- Que eu vou me tornar um tipo de monstro se não mudar minhas atitudes? – o príncipe disse, tentando reprimir um sorriso.

Circe assentiu.

Agora era hora de o príncipe dar risada.

- Que besteira! Que tipo de truque é esse? É para eu acreditar que você me *amaldiçoou*? É para eu ficar com tanto medo que vou me enganar e pensar que alguma coisa terrível vai acontecer? Não vou cair nessa, madames! Se vocês de fato podem ser *chamadas* de madames, tendo sangue azul ou não!

A expressão de Circe se enrijeceu. O príncipe nunca a tinha visto desse jeito – muito brava, muito firme e fria.

- Seu castelo e suas terras também serão amaldiçoados, então, e todos dentro delas serão obrigados a compartilhar seu fardo. Nada além de pavor rodeará você, desde se olhar no espelho até se sentar em seu amado jardim.

Lucinda adicionou:

- E em breve esse pavor será seu único cenário.
- Sim, eu vejo você se enfurnar no castelo covardemente.
- Sim, com medo de sair do próprio quarto!
- Isso, isso! Muito aterrorizado para mostrar seu rosto feio para o mundo além dos muros do castelo!

Vejo seus empregados queimando de ódio, observando cada movimento seu das sombras distantes, entrando de fininho à noite, só para ver a criatura que você se tornará.

- E estou vendo *você* – Lucinda disse – se perguntando se eles vão te matar para se libertar do feitiço!

– Chega! Ele só tem um caminho a seguir! Há uma última coisa antes de irmos. – Circe olhou para Ruby. – O espelho, por favor, Ruby.

O rosto de Lucinda se contorceu da forma mais abominável que se podia imaginar.

- Circe, não! O espelho não.
- O espelho é nosso!
- Não é seu para dar para alguém!
- Não, não, não!

– Este é o *meu* feitiço, Irmãs, e meus termos. Eu estou dizendo que ele terá o espelho!

– Meu querido – Circe continuou –, este espelho encantado vai permitir que veja o mundo exterior. Tudo o que precisa fazer é perguntar ao espelho, e ele te mostrará o que quer ver.

– Não gosto que você dê nossos tesouros, Circe! Isso foi um presente do criador de espelhos mais famoso que existe. Não tem preço e é muito antigo. É um espelho lendário! Ganhamos antes mesmo de você nascer.

– E devo lembrá-las de como conseguiram se apossar dele? – perguntou Circe, silenciando suas irmãs.

– Não vamos entediar o Príncipe com nosso histórico familiar, Circe – disse Martha. – Ele pode ficar com o espelho, não só para ver o mundo exterior, mas para ver a criatura horrorosa que irá se tornar.

– Ah, sim! Deixe-o tentar partir o coração das donzelas depois de se transformar em monstro! – gritou Ruby, enquanto Lucinda e Martha gritavam para ele:

– Pode tentar! Pode tentar! Partir o coração e fazê-las chorar! – Elas estavam girando como piões, seus vestidos desabrochando ao seu redor como flores mutantes em um jardim esquisito, conforme cantavam sua letra irônica ininterruptamente.

– Pode tentar! Pode tentar! Partir o coração e fazê-las chorar!

Circe estava ficando sem paciência, e o príncipe olhava como se não soubesse se se divertia ou se ficava com medo.

– Irmãs! Parem, por favor, eu imploro! – Circe gritou.

– É para eu levar isso a sério? Alguma coisa disso? Sério, Circe! Acha que sou idiota como suas irmãs tagarelas?

Antes de o príncipe falar mais alguma coisa, viu-se prensado firmemente contra a parede de pedra atrás dele, com a mão de Circe enforcando-o com força, e sua voz soando como uma serpente gigante.

– Nunca mais fale mal das minhas irmãs! E, sim, é melhor levar tudo o que eu disse a sério, e sugiro que se comprometa a se lembrar, porque sua vida depende disso. O feitiço está em suas mãos agora. Escolha o caminho certo, Príncipe, mude suas atitudes,

e poderá se redimir. Escolha crueldade e orgulho, e vai sofrer de verdade!

Ela o soltou. Ele ficou atônito de repente. O rosto dela estava muito próximo dele e cheio de ódio. Ele ficou assustado, assustado de verdade, talvez pela primeira vez na vida.

– *Você entendeu?* – ela perguntou de novo com veemência.

E tudo o que ele conseguiu murmurar foi:

– Sim.

– Vamos, Irmãs, vamos deixá-lo aqui. Ele vai escolher o próprio caminho a partir de agora.

E foi o que ele fez.

## CAPÍTULO V

# O RETRATO DA ALA OESTE

Nos primeiros meses, não havia sinal do feitiço: sem irmãs ameaçadoras, sem transformação em monstro e sem empregados vilões conspirando contra sua morte. A ideia era engraçada, na verdade. Seus empregados leais detestando-o? Ridículo! Imaginar seu amado Cogsworth ou a Senhora Potts desejando sua morte – completamente inconcebível! Era pura conversa fiada!

Nada do que as irmãs falaram se tornou realidade, e ele não via motivo para acreditar que aconteceria. Como consequência, não pensava que precisava se arrepender, mudar suas atitudes ou levar a sério alguma coisa que aquelas malucas haviam dito.

A vida seguiu e estava boa – tão boa quanto sempre fora, com Gaston ao seu lado, dinheiro no bolso e as mulheres aos seus pés. O que mais ele podia querer?

Mas, por mais que estivesse feliz, não conseguia se esquecer completamente do medo de que, talvez, Circe e suas irmãs estivessem certas. Ele notou pequenas mudanças em sua aparência – coisinhas que o faziam pensar que sua mente o estivesse traído e que ele, de alguma forma, estivesse cedendo ao plano das irmãs.

Tinha que se lembrar constantemente, de forma obsessiva, de que não havia maldição. Havia apenas seus medos e as mentiras das irmãs, e ele não iria deixar nenhum deles controlá-lo.

Ele estava em seu quarto, preparando-se para uma viagem de caça que faria com Gaston, quando o porteiro entrou para avisar que seu amigo havia chegado.

– Pode mandá-lo subir, então. A menos que ele queira tomar café da manhã no observatório enquanto eu termino de me arrumar.

O príncipe estava de bom humor e se sentia melhor do que há muito tempo. Porém, por nada no mundo conseguia se lembrar do nome do porteiro. Um pouco preocupante, mas uma das vantagens de ser um príncipe era que ninguém te perguntava nada. Então, se os outros estavam notando uma mudança no príncipe, não iriam comentar.

– Minhas coisas estão arrumadas? Está tudo pronto para a expedição? – perguntou ao porteiro.

– Com certeza, meu senhor, está tudo carregado. Se não precisar de mais nada, devo ver as coisas do outro cavalheiro?

O príncipe teve que rir. Gaston, um cavalheiro? Até parece! O porteiro era muito novo para se lembrar de quando Gaston e o príncipe eram garotos. Alguns dos empregados antigos se lembrariam. A Senhora Potts se lembraria, com certeza. Com frequência, ela contava histórias repetidas sobre os meninos quando crianças, rindo da lembrança de eles correndo para a cozinha e implorando que ela lhes desse doces depois de aventuras grandiosas, ambos cobertos de lama, aventurando-se pelo castelo, como meninos adoravam fazer, obrigando uma empregada a correr atrás deles – uma empregada que murmurava maldições baixinho o tempo todo.

Maldições.

*Esqueça isso. Lembre-se de outra coisa.*

Senhora Potts.

Ela amava contar a história de como os garotos haviam se convencido de que as terras do castelo eram atormentadas por um dragão do mal. Mais de uma vez, eles se aventuraram o dia todo até a noite, matando todos de preocupação do que teria acontecido com eles – e os dois entraram dançando tão felizes e saltitantes quanto podiam, sem se importar com o mundo, estranhando a confusão que causaram.

Era assim que os meninos eram. O príncipe se perguntou quanto realmente mudaram, apesar de a Senhora Potts lembrá-lo a todo momento de que ele e Gaston mudaram bastante. Sempre dizia que não via muito dos garotos que amou no passado.

Mudaram.

Ele havia mudado, não é? E não do jeito que a Senhora Potts temia. De outro jeito. Ela ainda os amava, apesar de tudo. Não conseguia evitar. Provavelmente até pensava que Gaston fosse um cavalheiro. Sempre o tratou como tal. Via o melhor em todo mundo quando podia, e incentivava a amizade deles quando eram jovens, embora ele fosse filho do caçador.

– Não importa quem é o pai dele, pequeno mestre. Ele é seu amigo e já provou ser bom nisso. – Ele se lembrou de se sentir horrível por deixar que uma coisa como o *status* o fizesse reconsiderar a amizade com Gaston. Nada disso importava, não agora. Gaston tinha suas próprias terras e pessoas para trabalhar nelas – o príncipe já percebera isso –, e aquela vida quando eram bem jovens, quando Gaston morava no estábulo com o pai, parecia tão longe e tão antiga.

A voz grossa de Gaston interrompeu seus pensamentos.

– Príncipe! Por que está aí parado refletindo quando deveria estar se aprontando? Temos uma longa viagem pela frente.

– Estava me lembrando de quando éramos jovens, Gaston. Relembrando nossas primeiras aventuras. Você se lembra da vez que salvou minha vida no...

A expressão de Gaston se enrijeceu.

– Você sabe que não gosto de falar disso, Príncipe! Precisa sempre me lembrar de que não sou igual a você?

– Não foi meu objetivo, querido amigo.

– Mesmo assim, é esse o *resultado*.

O príncipe se sentiu repreendido.

Gaston parecia estar perdido nos próprios pensamentos agora, refletindo sobre o retrato grande do príncipe pendurado sobre a lareira.

– Quando você posou para este retrato? Foi há quanto tempo? Cinco anos?

– Foi finalizado há apenas três meses. Você se lembra, foi feito por um pintor totalmente excêntrico. Ele se chamava de Mestre, lembra? Parecia viver em outro mundo, junto a seus discursos bonitos sobre preservar a juventude e fazer o tempo parar pela magia da representação.

– Lembro! É, ele era muito... hum, interessante.

– Interessante? Você queria jogá-lo da primeira janela que visse, se eu bem me lembro!

Os dois riram, mas Gaston parecia preocupado com seus pensamentos e não com pintores esquisitos e suas constatações sobre preservar o momento.

– Mas acho que tem alguma coisa sobre suas divagações loucas. Eu realmente pareço ter mudado desde a época deste retrato. Olhe em volta dos olhos da pintura. Não há sinal de linhas, mas, se vir aqui, parece mesmo que envelheci muito mais do que cinco anos.

– Está parecendo mulher, Príncipe, preocupando-se com linhas em volta dos olhos! Depois estará se preocupando com que cor de forro combina mais com um vestido azul. Devo perguntar à sua fada madrinha?

O príncipe riu, mas não foi um riso sincero.

Gaston continuou:

– Temos coisas melhores para fazer do que perder tempo tagarelando como duas menininhas. Me encontre no observatório para tomar café quando ficar pronto.

– Ok, fique à vontade para começar sem mim. Tenho certeza de que a Senhora Potts está agoniada porque estamos demorando muito.

O retrato ainda o incomodava. Como seus olhos ficaram com tantas linhas em apenas alguns meses? Era possível que eles fossem assim na época e o pintor tenha querido agradá-lo, fazendo-o parecer mais jovem? Não, o Mestre foi muito específico sobre preservar o momento no tempo. Torná-lo o mais puro e realista possível. Congelar um instante que nunca poderia ser amenizado ou alterado, preservando-o por gerações para que evocasse algo de sua memória quando tivesse morrido há muito tempo. Foi o que o homem disse, quase pausadamente. Parecia contraditório aos seus discursos irritantes e suas proclamações que tivesse representado o príncipe diferente do que ele aparentava na época. Então Gaston estava certo? Ele envelhecera cinco anos em apenas três meses? Ou Gaston só estava sendo maldoso porque ele o lembrara de quando eram jovens?

Será...? Não. Mas e se... e se... a maldição de Circe fosse real?

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A fera em mim: a história do príncipe..."  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).